

“É QUE EU SAÍ DE OUTRA HISTÓRIA”: A IDENTIDADE PELA DIFERENÇA NO DISCURSO DA LETRA MUSICAL *UNIFORMES*, DE KID ABELHA

pg 116-125

Anísio Batista Pereira¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva refletir sobre a construção da identidade pela diferença na letra do *rock* de 1980, *Uniformes*, interpretada pela banda Kid Abelha. Para a composição do arcabouço teórico-metodológico, foram acionados conceitos pertencentes ao campo disciplinar Análise do Discurso de linha francesa, tais como sujeito, discurso, relações de poder e subjetividade, de acordo com os postulados foucaultianos. Além disso, essas noções envolvendo a linguagem serão relacionadas com alguns conceitos de identidade, como a identidade pela diferença e pertencimento. Assim, percebe-se, materializado na referida letra de Kid Abelha, um sujeito que se constitui pela diferença, em que pertence a um grupo e se compara a outro que é diferente, cujas práticas culturais, subjetividades, se convertem em identidade pela diferença.

Palavras-chave: Discurso; Sujeito; Identidade; *Uniformes*; Kid Abelha.

“IT IS THAT I LEFT ANOTHER HISTORY”: THE IDENTITY FOR THE DIFFERENCE IN THE SPEECH OF THE MUSIC LETTER UNIFORMES, KID BEE

ABSTRACT

The present work aims to reflect on the construction of the identity by the difference in the lyrics of the rock of 1980, *Uniformes*, interpreted by the band Kid Bee. For the composition of the theoretical-methodological framework, concepts belonging to the disciplinary field were analyzed, such as subject, discourse, relations of power and subjectivity, according to the Foucaultian postulates. Moreover, these notions involving language will be related to some concepts of identity, such as identity by difference and belonging. Thus, one perceives, materialized in the abovementioned letter of Kid Bee, a subject that is constituted by difference, in which it belongs to one group and compares to another that is different, whose cultural practices, subjectivities, become identity by difference.

Keywords: Speech; Subject; Identity; *Uniformes*; Kid Bee.

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás. E-mail anisiopereira2008@hotmail.com

Considerações iniciais

A identidade cultural tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento humano, no campo das ciências humanas e linguísticas, e que merece atenção especial. O que se percebe, no âmbito da identidade, é a constituição de sujeitos no exercício das práticas sociais, cujos grupos são formados, possibilitando problematizar a constituição da identidade pela diferença. Nesse aspecto, observa-se a importância de identidades que são diferentes da constituinte do sujeito, de seu grupo, pois essas diferenças servem de base para a percepção de uma em relação à outra(s).

Pensando nessa problemática, este estudo objetiva analisar a letra do *rock* dos anos 1980, *Uniformes*, da banda Kid Abelha, esta formada no início da década supracitada, escolhida pelo fato de apresentar, nos seus discursos, elementos para uma problematização no que tange a grupos identitários, pela diferença. Ainda que nos tempos atuais essas diferenças possam parecer mais tênues, a letra oferece suporte que serve de base para uma diferenciação entre as identidades culturais.

Para essa leitura musical relacionada à identidade, o suporte teórico-metodológico adotado foi a Análise do Discurso de linha francesa, cujos conceitos de sujeito, discurso, relações de poder e subjetividades em Foucault embasam a fundamentação, além de aspectos ligados ao campo da identidade, como identidade e diferença, além de identidade e pertencimento, elementos que podem ser relacionados à teoria foucaultiana. Dessa forma, é possível afirmar que identidade cultural nada mais é do que posicionamentos/subjetividades dos sujeitos, os quais se manifestam pelas práticas culturais, no âmbito do seu grupo ao qual pertencem, se constituindo pelas práticas discursivas.

Nessa perspectiva, este trabalho se divide da seguinte maneira: de início, foram feitas algumas

considerações acerca dos conceitos foucaultianos sujeito, discurso, relações de poder e subjetividades, relacionando-os aos aspectos identitários; posteriormente, encontra-se a análise letra musical, *Uniformes*, e a partir dos resultados, as discussões se delineiam para as conclusões.

Sujeito e discurso em michel foucault e sua relação com a identidade cultural

Os conceitos de sujeito e discurso, bem como de relações de poder e subjetividade, na visão foucaultiana, acionados como suporte para os estudos de identidade, merecem destaque do ponto de vista da íntima relação entre esses elementos, isto é, a constituição do indivíduo em sujeito pelo discurso e suas subjetividades ligadas diretamente às identidades. A partir desse ponto de vista, é possível traçar um ponto de encontro entre esses elementos, como ponto de partida para a fundamentação no que concerne à análise da letra musical *Uniformes*, de Kid Abelha, considerando a construção da identidade pela diferença.

Nessa direção, entende-se por discurso, na visão de Foucault (2008), como um conjunto limitado de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva, ligando-se ao social e por meio do qual o sujeito se constitui. Dessa forma, um discurso se apoia em uma mesma formação discursiva que, resumidamente, se configura na produção discursiva, com suas leis de existência, regulações e posição de sujeito.

Destacando-se a problemática de formação discursiva, vale retomar as reiterações de Foucault (2008), que, em *A Arqueologia do Saber*, formula esse conceito. Além das considerações anteriores, vale destacar que esse autor sublinha-a como sendo um conjunto de regularidades que determina a homogeneidade e o fechamento do discurso.

No que concerne à ideia de discurso, é considerado que se trata de uma rede de enunciados

ou de relações, possibilitando a existência de significantes. Além disso, “discurso” dá ideia de percurso, algo em movimento. O discurso está intimamente ligado à noção de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, elementos que definem, em uma época dada, dentro de uma área dada, as condições do exercício da função enunciativa². Ressalte-se também que um discurso é produzido a partir de algumas condições históricas de emergência, sendo o conjunto de elementos que possibilita a sua produção em determinado momento na história. Essas condições permitem que um discurso apareça em dado momento e não outro em seu lugar, definindo sua singularidade, marca que traduz esse discurso pela noção de acontecimento.

Essas considerações denunciam o caráter de retomada do discursivo, em que um discurso está sempre em consonância com outro já dito em algum momento na história. Porém, vale ressaltar, de acordo com as palavras do autor, que esse discurso ganha sentido novo, não simplesmente repetindo o que já foi dito. O discurso recupera ou exclui outros discursos, se transformam no tempo, (res)surge em outro momento e que pode ser apagado.

Nesse contexto, os discursos são materializados, então, nos enunciados. Sobre os enunciados, considerados por Foucault como sendo o elemento por meio do qual o sujeito se inscreve no discurso, apresenta sua importância, também, no âmbito da língua. Dessa forma, é válido afirmar que a língua depende do enunciado para existir, mas que nenhum enunciado modifica a língua, ou ainda, que nenhum enunciado é tão fundamental a ponto de a língua depender dele para a sua existência. Segundo Foucault (2008,

p. 96) “a língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas, por outro lado, ela só existe a título de descrição (mais ou menos exaustiva) obtida a partir de um conjunto de enunciados reais”. Ainda sobre a relação entre enunciado e língua, esse autor complementa que “língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência; e não podemos dizer que há enunciados como dizemos que há línguas” (p. 96).

Os enunciados apresentam, no seu interior, a materialidade dos posicionamentos dos sujeitos, suas subjetividades, expressas, sobretudo, pelas práticas culturais. A partir dessa relação, é evidenciado que o discurso é povoado pelas identidades de sujeitos, em que expressam suas condições de possibilidade, sendo por isso, social e cultural.

Nessa direção, vale destacar a relação entre cultura e identidade, esta sendo o resultado das práticas culturais (costumes, modos de vida, símbolos) de um determinado grupo de sujeitos. Importante ressaltar que, de acordo com as palavras citadas, o que existem são práticas culturais e não a cultura no sentido de fechamento. Assim, se as práticas culturais estão constantemente em movimento, pelos discursos, compreende-se que as identidades também não são fixas, uma vez sendo o resultado das transformações históricas. O sujeito, na perspectiva foucaultiana, é histórico e não fixo, com possibilidades de deslocamento, de acordo com suas relações de saber e de poder que o constituem.

Nesse contexto da constituição do sujeito, traduzindo-se em identidade, Gregolin (2008, p. 92) relaciona-a com o discurso, a partir de conceitos formulados por Foucault e Pêcheux, considerando a identidade como posições do sujeito da linguagem.

2 No livro destacado, Foucault assevera que o enunciado deve ser entendido por meio da função enunciativa, contendo um suporte material, uma data, um suporte institucional, um campo associado e uma posição de sujeito. Ainda, o enunciado deve ser entendido como algo efetivamente produzido.

Produto histórico de práticas discursivas, o sujeito é reportado a posições possíveis de subjetividade. Não importa quem fala, mas o que ele diz, ele não o diz de um lugar qualquer. Assim, além de terem uma memória

(repetibilidade) e materialidade, os enunciados estabelecem relações com quem os enuncia. Ao analisar essas relações, não se buscam as intenções, mas essas posições do sujeito, que podem ser ocupadas por aqueles que preencherem certas condições - normas institucionais ou jurídicas, status ou função que ocupa - e elas dizem quem pode legitimamente vir a ocupar a posição de sujeito.

A posição de sujeito descrita pela autora se traduz no que se chama de identidade, uma vez que diz respeito ao conjunto das práticas culturais expressas, materializadas pela linguagem. Ponto considerado relevante, presente no trecho citado, é o de subjetividade, que está intimamente ligado às práticas discursivas. Essa subjetividade, aqui presente, é considerada a partir dos estudos foucaultianos (2008), que considera o enunciado no qual o sujeito está inserido e por meio do qual ele se constitui como sujeito.

Foucault (2016) aborda a relação ente subjetividade e verdade, salientando que o sujeito se constitui a partir de certos discursos que são percebidos como verdadeiros. Cada prática discursiva é moldada no contexto de (jogos de) verdades que influenciam nos modos de subjetivação dos sujeitos, classificando-os em determinadas identidades. Cada época apresenta seus discursos verdadeiros, isto é, pautados naquilo que são tidos como verdadeiros e a partir dos quais os sujeitos devem se constituir.

Essas práticas discursivas que se traduzem em identidades, dando-nos a noção de que os sujeitos se classificam em caixinhas, e também ligadas à noção de verdades, entram em consonância com a ordem do discurso destacada por Foucault (1996). O sistema de funcionamento discursivo é regulado pela sociedade, certos discursos podem ser dito em determinado momento e não em outro e nem todo mundo está livre para a produção discursiva como bem entende.

A ordem do discurso está ligada à história como lugar em que o sujeito se faz presente

por meio do discurso, pelas relações de poder, aspecto considerado relevante para o processo de constituição dos sujeitos (FOUCAULT, 2007) e, conseqüentemente, para os processos identitários. Nessa mesma direção, Fernandes (2012) destaca que os sujeitos estão em constantes relações de poder, na forma de microlutas, no cotidiano. “O poder, nessa concepção, é focalizado em microinstâncias, é um exercício integrante do cotidiano e consiste em formas de luta contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão. Logo, o poder implica e/ou requer a resistência” (FERNANDES, 2012, p. 56).

Em *Microfísica do poder* (2007), Foucault aborda essa luta acerca das relações de poder e seu reflexo na produção discursiva e, conseqüentemente, na emergência de subjetividades. O poder é sublinhado por esse teórico como algo que funciona e que ninguém o detém para si e o exerce sobre o outro, mas que é um exercício constante, de sujeito para sujeito, no âmbito da sociedade. Essas relações somente podem ocorrer com sujeitos livres, possibilitando a resistência, o que ocorre nessas relações de microlutas.

Isto posto, no que concerne à produção de subjetividade pelas relações de poder e as práticas discursivas, Foucault (2008, p. 61-62) reitera que,

[...] renunciaremos, pois, a ver no discurso um fenômeno de expressão - a tradução verbal de uma síntese realizada em algum outro lugar; nele buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.

Historicamente marcado e, por isso disperso, o sujeito se constitui por várias formações discursivas, heterogêneo, cujas posições sofrem variações no tempo e no espaço, a depender de

sua constituição. Atreladas a esses apontamentos, as identidades podem ser inseridas nesse âmbito, descartando-se a possibilidade de fixação, no âmbito das práticas do sujeito historicamente marcado em constante movimento.

Essa afirmação de que as identidades estão sempre em construção, isto é, sempre em movimento, entra em consonância com as considerações de Bauman (2005) sobre identidade e pertencimento, o qual defende que a identidade e o pertencimento são passíveis de mudanças, embora que a identidade seja por escolha e o pertencimento, não, do ponto de vista da autonomia do processo de escolhas de identidades. Esse processo de escolha pode ser destacado do ponto de vista de um sujeito livre, mas que na prática sua constituição é sempre influenciada por fatores culturais, sociais e políticos, impondo determinados modos de subjetivação, sobretudo quando levado pelo campo do capitalismo: é preciso incluir-se ao grupo para não ficar excluído. Nesse contexto, as identidades ocorrem não por escolhas livres, mas por meio de sistemas de forças que as provocam, que as dominam.

No que tange ao pertencimento, esse autor considera-o como um aspecto mais sólido que a identidade, pois está ligado a aspectos, digamos, imutáveis, cujo sujeito não possui alternativas de escolha, mas que por força exterior o sujeito é submetido a certa identidade, daí o termo “pertencimento” ganha sustento, isto é, pertencer no sentido de não realização de escolha própria. No entanto, esse teórico relativiza tanto a identidade quanto o pertencimento como aspectos passíveis de alterações, uma vez ligados à história, assim como o discurso, as práticas culturais do sujeito. Nessa perspectiva, o conceito de pertencimento pode ser percebido a partir de outro ângulo: pertencer à determinada identidade, a certo grupo formado por práticas comuns, levando-o a se caracterizar como sujeitos semelhantes entre si no

que tange às formações discursivas, às posições, traduzidas em identidade.

Esse pertencimento a determinado grupo identitário é passível de mudança, uma vez que o sujeito carrega consigo a liberdade de escolha para se integrar a outros grupos, pois assim como os sujeitos estão sempre em processo de formação, a história atribui-lhe essa autonomia, já que as práticas culturais, modos de ser e de se viver sofrem alterações com o tempo. Assim, vale destacar que:

[...] Tornamo-nos consciente de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a decisão de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Essa abordagem sobre identidade e pertencimento, mencionada por Bauman (2005), toca nos processos grupais, estando em consonância com a formação da identidade pela diferença defendida por Silva (2009) e Wardwood (2009). Esses autores defendem que só é possível a existência de uma identidade a partir de sua comparação com outra que é diferente dela. Consideram-se, para tal efeito, as diferentes práticas culturais que possibilitam tal apontamento e as relações de poder entre os sujeitos, por suas distintas formações discursivas, como destaca Foucault (2008). Nessa direção, identidade e diferença são dois aspectos complementares dentro dessa questão, em que a identidade depende da diferença para existir, pois é preciso que a identidade sirva de referência para outra que se diferencia dela, como um reflexo de si mesma por meio da diferença.

Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença (SILVA, 2009, p. 73).

As considerações do autor fazem uma abordagem acerca da produção social da identidade, pautada no respeito às diferenças, tomando-o como fator relevante no processo de construção das identidades. Assim, uma identidade é percebida em meio a outra(s) no âmbito social, diferentemente construídas, cujo respeito às diversidades (identidades múltiplas) torna-as passíveis de convivência pacífica, em que a diferença exerce potencialidade de demarcação para que outras existam. Dessa forma, é possível a existência de vários grupos identitários, em que os sujeitos integrantes de um grupo servem de referência para a existência de outros diferentemente, no âmbito dos aspectos culturais/discursivos. É preciso considerar que, no interior de um mesmo grupo identitário existem diferenças, inviabilizando a ideia de homogeneidade absoluta. Nesse sentido, embora possa haver sujeitos que integram uma mesma base identitária, faz-se necessário considerá-la como heterogênea.

Nesses pressupostos, em que os sujeitos se constituem por posicionamentos, pelos discursos, formando as identidades, que por sua vez não são fixas, estão em consonância com o conceito de relações de poder defendido por Foucault (2007), tendo em vista que esse processo seja responsável pelas subjetividades, tornando os sujeitos singulares (vale ressaltar que o sujeito é social, mas que possui sua individualidade, bem como se pensarmos pelo âmbito da realização da língua que se dá na dimensão individual). No entanto, a consideração de identidade deve abranger a dimensão grupal, não individual, cujos sujeitos possuem modos de subjetivação aparentemente semelhantes entre si, diferenciando-se de outras identidades. E essas relações de poder povoam os processos de identidade pela diferença, pois as identidades, diferentes entre si, se dão exatamente por essas relações, isto é, encaixar-se em um grupo é um

exercício de poder. E essas relações de microfísicas do poder (entre sujeitos) mudam de acordo com a história, influenciando nas identidades dos sujeitos.

Assim, a partir das proposições formuladas, cuja identidade se mantém em relação íntima com o discurso, pelas posições de sujeito, segue a análise da letra musical *Uniformes*, da banda de *rock* Kid Abelha, da década de 1980, considerando esse gênero musical como prática cultural e discursiva que apresenta sua marca histórica nessa década supracitada. Dessa forma, pelos discursos/posições do sujeito enunciador, é possível um apontamento para uma construção de identidade jovem materializada nos enunciados da letra musical, dada pela diferença.

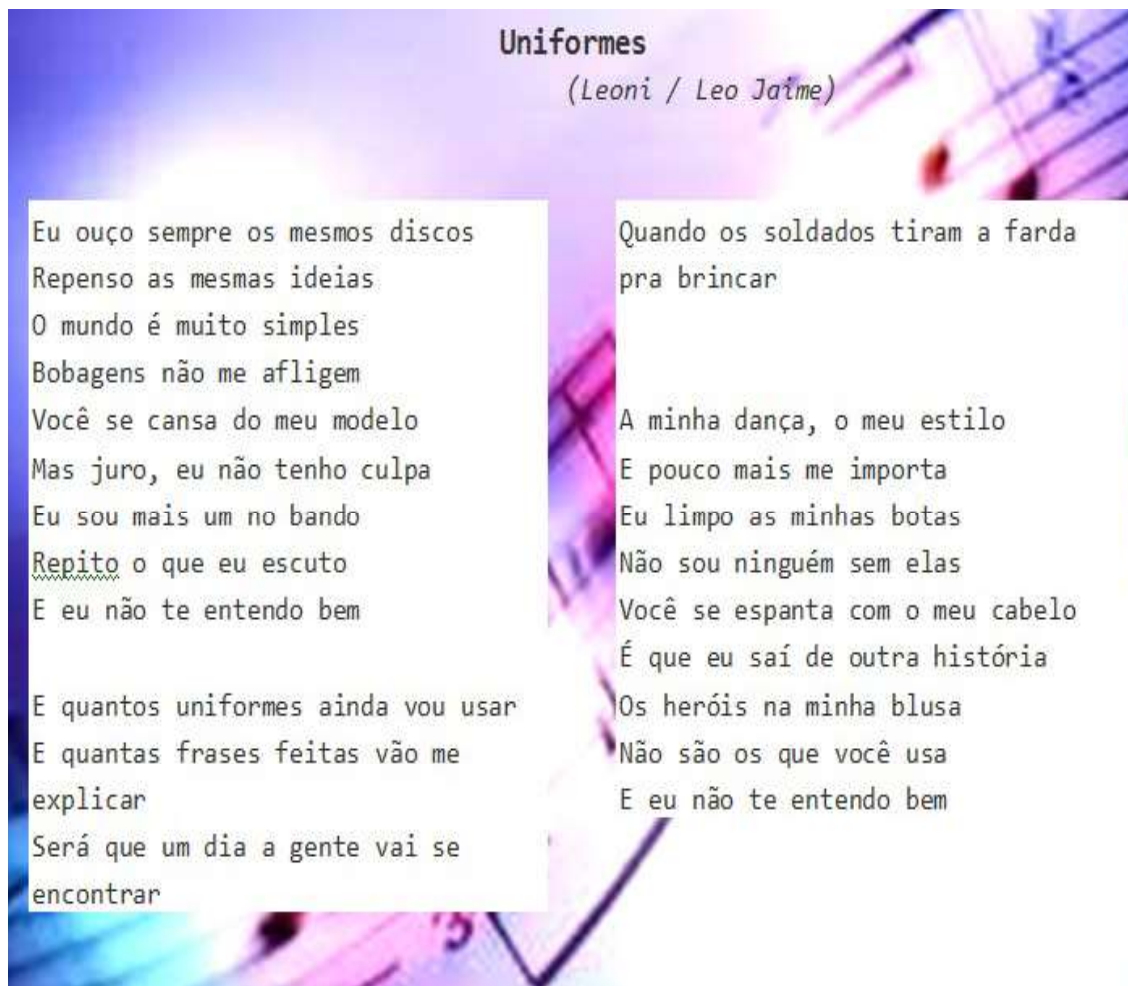
A identidade pela diferença em *uniformes*, de kid abelha

A banda de *rock* carioca Kid Abelha³ é formada na década de 1980, se efetivando em 1982, sendo composta por três integrantes: Paula Toller, George Israel e Bruno Fortunato. O cantor e compositor Leone integra a banda nos seus primeiros anos, desligando-se posteriormente para seguir carreira solo. Ao longo da carreira, gravou dezoito álbuns, sendo treze de estúdio e cinco ao vivo, tendo conquistado alta repercussão, com discos de ouro dentre pelos seus impactos no *rock* brasileiro (DAPIEVE, 1995).

Em relação ao gênero musical, Kid Abelha é classificada como *pop rock*, cujas letras apresentam temáticas, na maioria das faixas, relacionadas ao amor. A letra escolhida para análise, *Uniformes*, é a nona faixa do segundo álbum de estúdio da banda, *Educação Sentimental*, lançado em 1985, totalizando dez faixas. Nesse contexto, a escolhida para esse estudo retrata as diferenças culturais entre o sujeito enunciador e outro que é tomado como referência.

³ Em 2016, durante uma entrevista a uma Revista da Editora Globo, a vocalista do grupo, Paula Toller, declarou o fim da banda, alegando não ter mais estímulo para dar prosseguimento aos trabalhos musicais em conjunto.

A análise se baseia nos conceitos elencados teoricamente, pelas formulações foucaultianas e sobre identidade e diferença, com destaque para Silva (2009), cujas problemáticas consolidam nosso olhar investigativo acerca do sujeito enunciador. Nosso direcionamento, portanto, centra-se no sujeito materializado no enunciado, pelas suas formações subjetivas em relação a um outro sujeito que lhe serve de base para comparações e relações de poder entre identidades distintas. Vejamos a letra:



Quadro 1 – Letra musical Uniformes, de Kid Abelha. Fonte: Montado pelo pesquisador.

A começar pelo título da música, que apresenta um tom metafórico, “Uniformes” carrega consigo o sinônimo de igualdade, cujos sujeitos pertencentes a um mesmo grupo possuem, aparentemente, os mesmos costumes, estilos, práticas culturais semelhantes, justificando a formação de grupos identitários. Isto é, o sujeito, uma vez social, ele se enquadra em um modelo, um padrão cultural que se encaixa em um grupo diferenciado de outros, igualdade como se percebe no enunciado “Quando os soldados tiram a farda pra brincar”, cujo termo “farda” representa a

uniformidade dos sujeitos, formando um grupo, assim como as uniformidades de um grupo cultural.

Além disso, do ponto de vista histórico do próprio *rock* da década de 1980, ao sugerir essa construção de grupos distintos, o sujeito também se refere às tribos, isto é, estilos diferenciados das várias bandas desse gênero musical que são formadas nessa década, bem como os adeptos de cada estilo, possibilitando a emergência de vários “uniformes” artisticamente falando. Dessa forma, cada grupo apresenta traços subjetivos diferenciados entre si, tanto na vida como na arte.

Por outro lado, os discursos materializados nos enunciados da letra podem ser analisados por outro ângulo, fora do contexto do *rock*, subjetividades que ocorrem com qualquer sujeito, já que pertence a um grupo identitário. A ideia de pertencer uma ou outra identidade, sempre remete a questão de grupos fechados em si mesmos, apresentando práticas discursivas bem demarcadas, fechamento que é evidenciado no enunciado “Eu ouço sempre os mesmos discos”/”Repensar as mesmas ideias”. Essa aparente “não abertura” para outras possibilidades identitárias nos conduz à comparação com outras formas, já que apresentam margens que contrastam entre si, pelas diferenças apresentadas no interior de suas práticas culturais.

O sujeito do discurso remete, a todo momento, a um outro para servir de base, como referência a si mesmo, fator que é explicitado por alguns termos “eu”, “me”, “sou”, “você”, tornando explícita a identidade pela diferença, pelas expressões em primeira e terceira pessoa. Esse predomínio que reveste a letra reforça, também, a ideia de grupos, de sujeitos pertencentes a conjuntos de indivíduos que se tornam sujeitos seguindo mais ou menos os mesmos modelos, padrões subjetivos que se convertem em identidades diferentes de outros grupos, mas que um modelo diferente serve de referência para outro, como suporte de contorno, possibilitando a sua identificação como membros semelhantes entre si.

Levando em consideração que os sujeitos estão em constantes relações de poder (FOUCAULT, 2007); (FERNANDES, 2012), essa referência do outro no discurso está em consonância com essa microfísica do poder (“eu *versus* “você”). Assim, ao assumir uma identidade, o sujeito adere ao exercício de poder e essa demarcação de grupo é sublinhada pelo sujeito enunciativo por meio da resistência: “Você se cansa do meu modelo”/”Você se espanta com o meu cabelo”/”E eu não te entendo bem”, não tendo abertura para a entrada

do diferente, permanecendo à margem de si mesmo em relação ao outro, que se liga à história: “É que eu saí de outra história”. No entanto, essas relações de poder não são consideradas negativas, pois elas desempenham o papel de constituição dos sujeitos e reforçam os processos de identidade pela diferença (SILVA; WARDWOOD, 2009). Ressalte-se que esses sujeitos (enunciador e o outro referido) pertencem a histórias distintas, no contexto dos discursos que os constituem, apesar da contemporaneidade que impera entre ambos.

Considerando que o sujeito possui, aparentemente, a liberdade de escolha de identidade (BAUMAN, 2005), vale adentrar nessa discussão como suporte para problematizar esse conceito, que pode ser percebido nesses discursos. Apesar dessa autonomia de escolha, é perceptível que nem sempre ela se dá de forma individual, por si próprio, mas por pressões exteriores ao sujeito “Mas juro, eu não tenho culpa”/”Eu sou mais um no bando”/”Repito o que eu escuto”. Nesses enunciados, percebe-se um sujeito que adere a um grupo identitário, porém, que não apresenta autonomia de escolha, mas que se infiltra na comunidade para não ficar de fora e é exatamente essa questão que está em jogo. Há, por trás das escolhas, todo um jogo que o sistema obriga o sujeito a se encaixar em determinado grupo, comumente pelo nascimento, cujo sujeito é subjetivado de acordo com as conveniências que lhe são impostas.

A escolha é vista como possibilidade dos sujeitos em relação às suas identidades, considerando que se trata de sujeitos históricos, constituídos pelos discursos e sempre em processo de formação, de acordo com Foucault (2008). Essa abertura para práticas subjetivas visando o novo fica evidente em “E quantos uniformes ainda vou usar”, sublinhando as possibilidades de mudanças futuras, apesar da falta de autonomia e imposições superiores, subjetividades que serão construídas

posteriormente, ao longo da história. Essas mudanças identitárias, como processos de abertura para o novo, são evidenciadas, também, pela possibilidade de fusão entre o sujeito enunciador e o outro referido: “Será que um dia a gente vai se encontrar”. Esse “encontro” pode significar essa abertura para se assumir outras identidades futuramente, novas subjetividades por outras relações de poder, possibilitando considerar as identidades como algo sempre em movimento.

Para a comparação entre si e o outro, o sujeito enunciador faz referência a certos padrões culturais: “A minha dança, o meu estilo”/”Eu limpo as minhas botas”/”Os heróis da minha blusa”, reforçando as diferenças entre os perfis culturais entre os grupos de sujeitos integrantes de identidades diferentes. Nessa direção, traços culturais são elencados como referenciais para as distinções entre as identidades, subjetividades que apontam para diferentes histórias vivenciadas pelos dois sujeitos, pertencentes a dois grupos, isto é, cada qual vem de uma realidade distinta, cujos sujeitos foram “moldados” de acordo com suas práticas originárias. Nessa concepção, Foucault (1996) destaca a ordem do discurso, que, relacionando suas considerações com os enunciados destacados, é possível evidenciar os sujeitos como inscritos em ordens discursivas distintas.

Nessa direção, afirma-se que são construídas, na letra dessa música, identidades pautadas pela diferença, a partir das relações de poder foucaultianas aliadas à noção de identidade e diferença de Silva (2009) em que há dois sujeitos (um que fala e o outro, interlocutor), cada qual representante de um grupo diferente, modos diferenciados de subjetivação. Assim, cada um dos sujeitos pertence a um “uniforme” diferente, mas que essas diferenças servem de base para a constituição de ambos os grupos, já que uma identidade só pode ser percebida quando referenciada a outra(s) que é/são diferente(s)

de si. Além disso, é preciso reforçar a ideia de que os sujeitos do discurso são históricos, cujos processos de subjetivação dependem da história, inviabilizando a fixação identitária dos sujeitos.

Considerações finais

O estudo proposto teve por objetivo realizar uma análise da letra musical integrante do *rock* da década de 1980, *Uniformes*, da banda Kid Abelha, lançada em 1985. Pela leitura da letra, fica evidente que ela se constitui em um terreno fértil para uma problematização de identidade pela diferença. São materializados sujeitos integrantes de grupos culturais/discursivos que não se encaixam em uma mesma formação discursiva, cujos sujeitos são bem demarcados em suas constituições.

Trazendo consigo um sentido metafórico, o enunciado do título musical aponta para classificações de sujeitos, cujos grupos identitários apresentam sempre as mesmas práticas culturais, como círculos fechados em relação a outros grupos diferentes, isto é, práticas homogêneas que possibilitam a classificação de um grupo que é passível de identificação por apresentar diferenças em relação a outro(s) grupo(s). Os enunciados apontam para um fechamento do sujeito do discurso, o qual representa seu grupo, e a comparação de si com um outro diferente possibilita a sublinharmos a identidade pela diferença, cada qual pertence a universos não possuem a mesma base discursiva. Essa referência a outro como suporte para se delimitar discursivamente está na base das relações de poder, considerando que nenhuma identidade seja inocente e que são constituídas pelas relações que exercem com outras identidades.

Os traços subjetivos apresentados, dados pelas práticas culturais, apesar de parecerem bem demarcados, fechados em si, podem ser levados para outra dimensão, como por exemplo, no âmbito do discurso, sugerindo que os sujeitos estão sempre

em processo. Assim, do mesmo modo como os sujeitos apresentam deslocamentos, pela ligação com a história, as identidades também não são fixas, mas em constante movimento. No entanto, é possível perceber, pela materialidade do enunciado, que as práticas culturais são responsáveis pela demarcação de grupos aparentemente fechados, mas que são sempre passíveis de mudança, já que os sujeitos, na visão foucaultiana, são históricos e estão sempre em processos de formação.

Discografia

LEONI; JAIME, Leo. Uniformes. Intérprete: Kid Abelha. In: KID ABELHA. *Educação Sentimental*. Rio de Janeiro: Warner Music, p1985. 1 LP. Faixa 9.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DAPIEVE, Arthur. *Brock: o rock brasileiro dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Subjetividade e Verdade*. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Identidade: objeto ainda não identificado? In: *Revista Estudos da Língua(gem)*. v. 6, n. 1. Vitória da Conquista: junho de 2008. p. 81-97. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/view/88>>. Acesso em: 08 out. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-72.

Submissão: 22 de fevereiro de 2019.

Aceite: 15 de março de 2019.